

Movimento do verbo em português europeu: Consequências para diferenças entre línguas em contextos de aquisição e afasia

Ana Cerdeira, João Costa, Vanessa Trindade
Universidade Nova de Lisboa¹

1. Introdução

A investigação sobre aquisição das línguas tem revelado a existência de vários comportamentos uniformes em crianças no mesmo estágio de desenvolvimento, independentemente da língua que adquirem (para síntese, ver Guasti 2002). Estas observações têm permitido fundamentar a hipótese inatista, segundo a qual há uma base biológica comum no estágio inicial da aquisição das línguas. Apesar destas semelhanças, têm sido descobertas diferenças sistemáticas entre línguas nas produções iniciais das crianças. Um dos domínios de variação interlinguística que tem recebido mais atenção é o dos infinitivos raiz, cuja produção se atesta em línguas com o valor negativo para o parâmetro do sujeito nulo (para uma descrição deste fenómeno, ver Hyams e Hoekstra 1998, entre outros). A constatação de que as produções iniciais podem ser sujeitas a variação interlinguística, de forma sistemática, tem permitido progressos em dois domínios. Por um lado, este tipo de variação permite atribuir significância ao papel desempenhado pelo *input*. Por outro lado, uma vez que a variação não se encontra em todos os domínios, permite questionar a que aspectos do *input* as crianças são sensíveis, sendo possível caracterizar as características do *input* que espoletam aquisições precoces.

Numa perspectiva um pouco diferente, nos últimos anos, têm sido exploradas de forma profícua as relações entre os avanços empíricos e explicativos na área da aquisição e nos estudos sobre perturbações da linguagem. Tem-se mostrado que algumas características das produções iniciais das crianças são partilhadas por determinados tipos de patologias, o que legitima que se procurem explicações semelhantes para a aquisição e para algumas características patológicas (ver, por exemplo, Friedmann 1994).

Neste artigo, apresentaremos dois domínios de variação interlinguística na aquisição e na afasia. Será descrita uma diferença nas construções que envolvem movimento do verbo para C na aquisição e diferenças na produção de morfologia verbal em contexto de agramatismo. Proporemos que as características dos núcleos funcionais

¹ Este trabalho insere-se no projecto "Técnicas Experimentais na Compreensão da Aquisição do Português Europeu", POC/LIN/57377/2004, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

e o papel da morfologia como factor espoletador de variação paramétrica na sintaxe podem proporcionar uma análise unificada para os dois fenómenos. O artigo encontra-se organizado da seguinte forma:

Na secção 2, apresentaremos as diferenças entre o português e o inglês, por um lado, e as línguas V2, por outro, no que diz respeito à aquisição de I-para-C.

Na secção 3, são apresentados resultados sobre produção de morfologia verbal em doentes com agramatismo, mostrando-se diferenças relevantes face a resultados obtidos para outras línguas.

Na secção 4, propõe-se que as características dos núcleos funcionais e o papel desempenhado pela morfologia flexional e a sua codificação na estrutura sintáctica podem explicar as diferenças descritas.

As conclusões deste trabalho são apresentadas na secção 5.

2. I-para-C: variação interlingüística na aquisição

Guasti (2002) apresenta dados de várias línguas V2, que atestam a aquisição precoce deste fenómeno. De acordo com os resultados obtidos por vários autores, as crianças que adquirem línguas V2 deslocam o verbo para C nas suas produções iniciais, nos contextos relevantes e estabelecendo a correlação correcta entre esta operação sintáctica e a morfologia flexional.² Em (1) e (2), apresentam-se exemplos de produções V2:

(1) Alemão (Guasti 2002):
Eine Vase hab ich (Andreas, 2;1)
Um copo tenho eu
"Um copo, eu tenho."

(2) Sueco (Santelmann 1997):
Daer bodde de (Anders, 2;1)
Lá viviam eles
"Lá, eles viviam"

Um aspecto importante a notar sobre a aquisição de I-para-C em línguas V2, para além da já referida correlação entre posição do verbo e finitude, é a não atestação, referida por vários autores, de ordens V3 com verbos finitos.

Esta aquisição precoce de I-para-C contrasta com o que se encontra descrito para línguas V2 residual. Como se sabe, nestas línguas, existe movimento do verbo para C apenas nalgumas construções. São exemplo de línguas V2 residual o inglês e o português, que apresentam I-para-C em construções interrogativas (ver Rizzi 1990 e Ambar 1992). A questão crucial para este artigo é o facto de, nestas línguas, as crianças

² Esta correlação é relevante, na medida em que se mostra que crianças que produzem infinitivos raiz não os colocam em segunda posição, mostrando conhecimento sobre o facto de apenas as formas finitas dos verbos poderem ocupar a posição de C.

não produzirem I-para-C nos contextos relevantes. Esta observação foi feita para o inglês por Radford (1994) e, para o português, por Soares (2003) e Santos (2006). Nos exemplos seguintes, ilustram-se alguns casos apresentados por estas autoras, de interrogativas parciais em que se verifica adjacência entre o constituinte interrogativo e o sujeito, ficando a posição de C por preencher:

- (3) Português europeu (Santos 2006):
 a. O que você quer? (Inês, 2;7)
 b. O qu(e) eu ti(r)ei? (Tomás, 2;9)

- (4) Inglês (Radford 1994):
 a. Who me tickle? (Adam, 2;4)
 b. Where that come from?
 c. What you doing?

Conforme referido, os dois conjuntos de dados têm em comum o facto de constituírem exemplos em que a posição de C não é preenchida. Em inglês, esta posição é preenchida na gramática do adulto por um verbo auxiliar, enquanto em português o preenchimento é feito pelo verbo ou pela expressão “é que”.

Importa esclarecer que alguns dados apontados em Soares (1998) como instâncias de I-para-C em construções interrogativas não podem ser considerados como exemplos não ambíguos de preenchimento de C pelo verbo.³ Os dados em questão são os listados em (5):

- (5) a. (O) que é? (1;2)
 b. O(nde) (es)tá memé? (1;4,8)
 c. O(nde) (es)tá mão? (1;4,8)
 d. Quem é? (1;4,8)

Note-se que estes exemplos ou não incluem material lexical suficiente para se poder decidir sobre a posição ocupada pelo verbo (5a,d) ou contêm estruturas predicativas que, por terem uma base inacusativa, não podem ser analisadas como casos inequívocos de I-para-C, uma vez que outros estudos mostram que, nas produções iniciais, a inversão sujeito-verbo é produzida quase exclusivamente em estruturas inacusativas (Adragão 2001).

A diferença ilustrada nas produções infantis entre línguas V2 e línguas com V2 residual levanta, então, a seguinte questão:

A que se deve a variação interlinguística encontrada na performance das crianças no que diz respeito à capacidade de efectuar a operação I-para-C?

³ Em Soares (2003, 2006) estes dados são reavaliados, defendendo-se que não envolvem I-para-C.

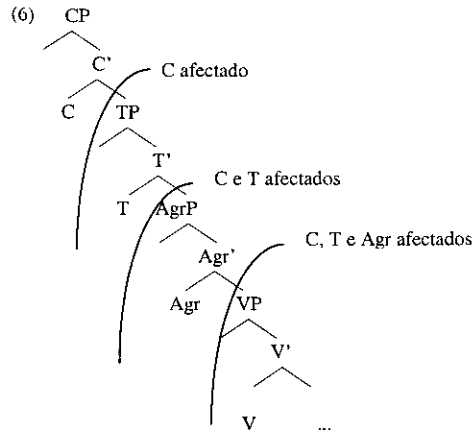
Obviamente, o facto de existir uma diferença paramétrica relativa ao estatuto de V2 aponta para o papel desempenhado pelo *input*. Importa, contudo, clarificar em que medida essa diferença paramétrica é relevante, uma vez que, conforme foi referido na introdução, não existe uma sensibilidade precoce generalizada a todos os valores paramétricos. Procuraremos dar resposta a esta questão após a apresentação dos dados relativos a variação interlingüística no discurso afásico.

3. Morfologia flexional no agramatismo

Vários estudos recentes têm-se dedicado a uma descrição e explicação das produções linguísticas de doentes com agramatismo. Como é sabido, esta patologia reflecte-se, na produção verbal, por afectar áreas da gramática relacionadas com o domínio funcional. São marcas típicas de agramatismo os problemas na produção de flexão verbal, de estruturas complexas com complementador, de estruturas interrogativas com movimento ou de frases relativas. A análise linguisticamente fundamentada das produções dos doentes com agramatismo tem permitido uma melhor caracterização desta patologia e contribuído para estratégias de intervenção mais eficientes.

Em Friedmann e Grodzinsky (1997), são coligidos dados sistemáticos de um número significativo de doentes que permitem estabelecer um padrão. Sinteticamente, neste estudo, observaram-se as seguintes tipologias: alguns doentes apresentam problemas na produção de estruturas que envolvem morfologia de tempo ou outras construções sintácticas explicáveis pela relevância da categoria T; outros doentes, para além destes problemas, revelaram, simultaneamente, défices na produção de construções que envolvem a categoria C (como estruturas subordinadas complexas ou interrogativas parciais). Crucialmente, detectou-se uma dissociação entre as categorias T e Agr, na medida em que não foi encontrado nenhum doente com problemas em Agr sem exibir problemas em T, e foi encontrado um padrão sistemático na relação entre C e T, na medida em que não foi encontrado nenhum caso de défice em C sem que houvesse problemas na produção de estruturas relacionadas com o nó T.

Perante este padrão de desvio identificado, Friedmann e Grodzinsky (1997) propõem uma análise em termos de truncção da estrutura, assumindo a hierarquia das categorias funcionais proposta em Pollock (1989). De acordo com esta hipótese, o agramatismo pode ser representado por cortes em determinados nós da estrutura frásica, sendo crucial que o corte num nó inferior impede o acesso aos nós hierarquicamente superiores. A estrutura relevante é apresentada em (6):



O esquema em (6) ilustra, portanto, as possíveis localizações do corte na estrutura sintáctica, dando origem a diferentes níveis de gravidade no agramatismo. Curiosamente, importa referir que a hipótese de que a estrutura funcional pode ser truncada foi sugerida em Guasti e Rizzi (1996) para a explicação de alguns dados da aquisição da sintaxe.

A proposta de Friedmann e Grodzinsky (1997) tem vindo a ser testada para várias línguas e tem permitido re-avaliar dados já conhecidos da investigação sobre agramatismo noutras línguas. Uma generalização robusta que tem emergido é a dissociação entre T e Agr. De uma forma geral, tem sido mostrado que, na maior parte das línguas, há problemas ao nível de T, mas fenómenos de morfologia verbal de concordância são produzidos sem problemas. Esta dissociação entre T e Agr encontra-se atestada para as seguintes línguas: hebraico (Friedmann e Grodzinsky 1997), francês (Nespoulous et al. 1990), italiano (Miceli et al. 1989), inglês⁴ (Benedet, Christiansen e Goodglass 1998), japonês (Hagiwara 1995) e holandês (Roo 1995).

A hipótese de Friedmann e Grodzinsky (1997) foi testada para o português europeu em Cerdeira (2006). Neste trabalho, procedeu-se a uma adaptação dos testes realizados por aqueles autores para o português, tendo sido aplicados a três doentes portugueses.⁵ Os principais resultados obtidos parecem, à primeira vista, confirmar apenas parcialmente a hipótese de truncção da estrutura. Se, por um lado, foi

⁴ É importante notar que o inglês, por ser uma língua em que a morfologia de tempo e a de concordância se encontram em distribuição complementar (Vikner 1997), não constitui um caso inequívoco de confirmação da hipótese de Friedmann e Grodzinsky (1997).

⁵ Para detalhes sobre a caracterização dos doentes e sobre procedimentos metodológicos, ver Cerdeira (2006).

amplamente confirmada a hierarquia C-T, uma vez que um dos doentes, de forma sistemática, revelou problemas ao nível de C sem manifestar défice a nível de T, por outro lado, não foi confirmada a dissociação entre T e Agr. Com efeito, os doentes apresentaram padrões sistemáticos de desempenho nos dois tipos de morfologia verbal, não sendo detectada em nenhum deles uma maior facilidade com as marcas de concordância, conforme identificado para a generalidade das línguas estudadas. Esta indissociação entre T e Agr obtida na aplicação dos testes a doentes portugueses é ilustrada nas tabelas seguintes, que apresentam os resultados de testes de conclusão e de repetição de frases declarativas:

(7) Teste de repetição de frases declarativas:

(percentagem de respostas correctas)

	Tempo		Concordância	
MR	42%	(19/45)	40%	(18/45)
FF	36%	(13/36)	36%	(13/36)
IL	98%	(39/40)	100%	(40/40)
Ø	59%	(71/121)	59%	(71/121)

(8) Teste de conclusão de frases declarativas:

(percentagem de respostas correctas)

	Tempo		Concordância	
MR	45%	(17/38)	39%	(15/38)
FF	30%	(12/40)	35%	(14/40)
IL	80%	(32/40)	90%	(36/40)
Ø	52%	(61/118)	55%	(65/118)

Como se pode observar nas tabelas, não só não há dissociação entre tempo e concordância, como os resultados para estas categorias são, em números absolutos muito próximos nos diferentes doentes. Torna-se, assim, legítimo defender que, ao contrário do observado noutras línguas, não há, em português europeu, uma dissociação entre estas duas categorias no discurso agramático. Assim sendo, importa, então,

explicar por que motivo se verifica esta diferença entre o português europeu e as restantes línguas estudadas.

Em Cerdeira (2006), são avaliadas e rejeitadas algumas hipóteses de análise que passariam por propor uma distinta hierarquização das categorias funcionais para o português, ou por retirar da estrutura sintáctica a categoria Agr (na esteira de Chomsky 1995). Estas hipóteses são rejeitadas uma vez que, apesar de permitirem uma explicação para os dados do português europeu, não resolvem a questão central: a de explicar por que motivo há uma diferença entre o português europeu e as restantes línguas estudadas.⁶

4. Movimento do verbo e variação interlinguística: uma análise unificada

4.1. Variação interlinguística e núcleos funcionais

Desde Borer (1984) e, de forma mais consensual desde Chomsky (1993), tem sido proposto que as propriedades dos núcleos funcionais podem explicar alguma variação paramétrica na sintaxe. De acordo com esta proposta, têm sido vários os trabalhos que tentam explicar diferenças entre línguas relativas ao alvo do movimento do verbo em termos das propriedades morfológicas associadas ao alvo em questão. Embora não se tenha conseguido concretizar de forma muito esclarecedora qual a codificação relevante nos núcleos funcionais, têm sido atingidos alguns resultados explicativos e empíricos importantes. Por exemplo, em Zwart (1993), propõe-se, na esteira de outros trabalhos, que a informação sobre morfologia flexional está codificada nos núcleos funcionais, podendo haver variação interlinguística relativa ao núcleo específico que codifica ou hospeda este tipo de informação. De acordo com este autor, nas línguas V2, a informação sobre morfologia flexional encontra-se codificada em C, o que explicaria o movimento do verbo obrigatório para esta posição. De acordo com a sua proposta, este tipo de línguas difere das não V2, porque nestas C não hospeda informação relativa à morfologia flexional, não havendo, portanto, motivação morfossintáctica para se mover o verbo flexionado para esta posição.

A sugestão de que existe variação interlinguística na interface sintaxe-morfologia nos termos propostos, segundo os quais diferentes núcleos funcionais podem hospedar os mesmos traços flexionais em línguas distintas, tem implicações para os trabalhos sobre aquisição. Conforme proposto por vários autores (Roberts 1993, Vikner 1997, Loureiro 2006, entre outros), a informação morfológica pode constituir uma pista importante para a fixação precoce de parâmetros sintácticos, sendo, portanto, legítima a formulação de uma hipótese de *bootstrapping morfológico*.⁷ A conjugação da hipótese

⁶ Ver Cerdeira (2006) para pormenores sobre a comparação e avaliação das várias hipóteses de análise. Nesse trabalho, mostra-se que várias alternativas para explicar o padrão identificado para os doentes portugueses implicam abandonar a explicação dada para o comportamento dos doentes em todas as línguas em que apenas a morfologia de tempo é problemática.

⁷ Para uma discussão desta hipótese, ver Bobaljik (2001) e Gonçalves (2001, 2004).

de que a variação interlingüística se pode explicar em termos das propriedades dos núcleos funcionais com a proposta de que a morfologia fornece pistas para a fixação de parâmetros sintácticos prediz que haja, nos comportamentos iniciais das crianças, variação que reflecta a especificidade do *locus* da codificação da morfologia flexional em cada língua. Assumindo-se o potencial de paralelismo explicativo para as questões de aquisição e de patologia, espera-se que o mesmo tipo de predição possa ser produtivo na análise de variação interlingüística em contexto de afasia.

Com estes pressupostos, podemos agora propor uma análise para a variação interlingüística descrita nas secções anteriores.

4.2. Variação em I-para-C

Verificou-se, na secção 2, que as crianças que adquirem línguas V2 movem o verbo para C nos contextos adequados desde cedo, o que contrasta com o comportamento das crianças que adquirem línguas com V2 residual, nas quais o verbo não é movido para C até tarde. Conforme explicitado acima, assumimos, na esteira de Zwart (1993), que as línguas V2 são línguas em que a informação sobre morfologia flexional se encontra hospedada em C. De acordo com o autor, esta hipótese explica não só o movimento obrigatório do verbo para esta posição, mas também o facto de as conjunções poderem, em alguns dialectos, exibir marcas flexionais e o facto de os pronomes clíticos serem colocados no domínio de C. Por contraste, nas línguas em que o movimento do verbo para C se motiva pela identificação de traços sintácticos (como os que especificam o valor interrogativo de uma frase), não se observam os mesmos tipos de fenómenos e, não sendo o movimento do verbo justificado por requisitos morfológicos, não se prediz que o verbo se mova para C em qualquer contexto, uma vez que a morfologia verbal é identificada ou afixada à raiz numa posição distinta.

Retomando a hipótese segundo a qual a informação de natureza morfológica pode ser determinante na fixação de parâmetros, torna-se agora possível explicar a variação interlingüística em causa. Nas línguas V2, o input morfológico providencia as pistas necessárias para espoletar a fixação do parâmetro que regula o movimento do verbo para C. Note-se que a observação feita para várias línguas, resumida em Guasti (2002), de que só há movimento do verbo para C nas produções das crianças quando o verbo se encontra flexionado confirma esta relação. Esta dependência entre morfologia e movimento do verbo é semelhante à que tem sido proposta para línguas com movimento do verbo para I, quando se explica a fixação precoce do movimento do verbo para este núcleo em função de sensibilidade precoce a contrastes morfológicos. Nas línguas com V2 residual, não sendo o movimento do verbo para C desencadeado por factores relacionados com a morfologia flexional, espera-se que a aquisição desta operação de movimento se faça num período não coincidente com o identificado para as línguas V2, estando dependente da “descoberta” da possibilidade de legitimar traços sintácticos através de movimento do verbo. Explica-se, assim, a não coincidência em termos de desenvolvimento linguístico entre a aquisição de I-para-C nos diferentes grupos de línguas.

4.3. Variação na morfologia flexional em contexto de agramatismo

Mostrou-se, na secção 3, que, ao contrário dos resultados obtidos para outras línguas, em português europeu, não foi detectada uma dissociação entre tempo e concordância nos testes que envolvem a produção de morfologia flexional verbal. Conforme explicitado, importa encontrar uma explicação para a variação interlinguística detectada nos resultados da aplicação destes testes. Assumindo que há paralelismos de análise que podem ser explorados para a explicação de comportamentos desviantes na produção das crianças e em contextos de afasia, tentaremos mostrar que uma análise baseada na variação interlinguística nas propriedades dos núcleos funcionais pode revelar-se produtiva, à semelhança do que foi feito na secção anterior para dar conta da variação em contextos de I-para-C.

Para a análise deste problema, é relevante detectar propriedades específicas dos núcleos funcionais que codificam a informação morfológica de tempo e concordância, tradicionalmente T e Agr. Em Costa (1996, 2004), defende-se que o movimento do verbo em português europeu apresenta propriedades que o diferenciam de outras línguas, na medida em que o verbo não se desloca até ao núcleo funcional mais alto. Assumindo a hierarquia T-Agr, de acordo com esta análise, o verbo move-se apenas até Agr, conforme representado em (9):

(9) [_{TP} Sujeito [_T T [_{AgrP} [_{Agr} V...

A evidência para esta análise é dada por frases como (10), em que se pode verificar que não existe adjacência entre o sujeito e o verbo, nem entre o verbo e o seu complemento, o que atesta a inexistência de uma relação Spec-Head entre o sujeito e o verbo ou de ausência de movimento do verbo, confirmando-se a existência de dois núcleos funcionais autónomos. O facto de se utilizar um sujeito quantificado atesta que este tipo de frase não constitui um caso de deslocação à esquerda do sujeito:

(10) Ninguém provavelmente viu ontem o filme.

Assumindo que o movimento do verbo para os núcleos funcionais se relaciona, directa ou indirectamente, com os processos de afixação, a análise proposta terá consequências para a morfologia flexional. Essas consequências são exploradas em Costa (2003, 2004), propondo-se que, uma vez que o verbo não atinge o núcleo funcional mais alto, a afixação se faça por um processo de *lowering* na componente morfológica, conforme definido em Halle e Marantz (1993) e Bobaljik (1995). O facto de, em alguns tempos morfológicos, haver morfemas amalgamados e de haver um bloqueio ao preenchimento pelo sujeito da posição de especificador que se encontra entre os dois núcleos funcionais relevantes é tomado como evidência crucial para a defesa desta análise.⁸

⁸ Para detalhes sobre esta análise, remetemos o leitor para Costa (2004).

Uma consequência importante desta análise é o facto de dela decorrer que, para o processo de afixação da morfologia flexional de T e Agr se efectuar, está crucialmente envolvido o nó funcional mais baixo. Por outras palavras, apesar da relevância do núcleo funcional superior, todo o processo se concretiza no núcleo funcional mais baixo.

Tendo em conta a análise de movimento do verbo e as suas consequências para o processo de afixação, torna-se possível explicar por que motivo não foi encontrada dissociação entre T e Agr nas respostas aos testes dos doentes portugueses. Cerdeira (2006), assumindo a hipótese de truncação da estrutura de Friedmann e Grodzinsky (1997), argumenta que, ao contrário do que acontece noutras línguas, um corte na estrutura em T não permite uma realização perfeita de Agr, uma vez que o processo de afixação se faz todo em Agr, tendo em conta a informação transmitida por T através de *lowering*. Não estando esta informação disponível devido ao corte na estrutura, torna-se impossível realizar de forma eficiente toda a afixação.

Tal como na secção anterior, consegue-se, desta forma, explicar uma diferença entre línguas, explorando-se as propriedades particulares dos núcleos funcionais e as consequências para processos morfológicos.

5. Conclusões

Este trabalho teve como objectivo propor uma análise unificada para fenómenos envolvendo movimento do verbo, para os quais se detectou variação interlingüística na aquisição e em contexto de agramatismo. Defendeu-se que a aquisição precoce de movimento do verbo para um determinado núcleo pode ser explicada se o núcleo funcional em questão codificar informação de natureza flexional, assumindo-se que a morfologia flexional fornece pistas para a fixação de parâmetros de natureza sintáctica. Desta forma, foi proposto que as crianças portuguesas e inglesas não realizam I-para-C precocemente, porque esta operação, nestas línguas, não é espoletada por questões de natureza morfológica. A relação entre morfologia e as propriedades específicas dos núcleos funcionais permitiu analisar a ausência de dissociação entre T e Agr em contexto de agramatismo em português europeu. Este resultado foi analisado, tendo-se em conta a natureza pós-sintáctica do processo de afixação em português europeu.

De uma forma geral, os resultados atingidos apresentam evidência a favor de duas hipóteses mais gerais. Por um lado, permitem sustentar a hipótese de que a morfologia flexional pode ser considerada um *trigger* robusto no processo de aquisição. Por outro lado, fundamentam a hipótese avançada em Borer (1984) de que alguma variação interlingüística encontrada na componente sintáctica pode ser analisada em função das propriedades particulares dos núcleos funcionais.

Do ponto de vista metodológico, os resultados apresentados mostram que a interpretação da performance das crianças e dos adultos com agramatismo não pode dispensar um conhecimento das estruturas da gramática (não desviante) do adulto.

Referências

- Adragão, M. M. (2001). Aquisição da inversão numa criança entre os dois e os três anos. ms, Universidade Nova de Lisboa.
- Ambar, Manuela (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Benedet, M.J.; Christiansen, J.A. e Goodglass, H. (1998). A cross-linguistic study of grammatical morphology in Spanish- and English- speaking agrammatic patients. *Cortex* 34, pp. 309-336.
- Bobaljik, Jonathan (1995). *Morphosyntax: The syntax of verbal inflexion*. Dissertação de Doutoramento. Cambridge: MIT.
- Bobaljik, Jonathan (2001). The implications of rich agreement: why morphology does not drive syntax. Comunicação apresentada no *GLOW 24*, Universidade do Minho.
- Borer, H. (1984). *Parametric syntax: Case studies in Semitic and Romance languages*. Dordrecht: Foris.
- Cerdeira, Ana (2006). *Flexão verbal e categorias funcionais no agramatismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Chomsky, Noam (1995). *Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge, MA.
- Costa, João (1996). Adverb Positioning and V-Movement in English: some more Evidence. In *Studia Linguistica*, 50.
- Costa, João (2003). Null vs overt Spec,TP in European Portuguese. In Josep Quer et al. (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2001*, John Benjamins, pp. 31-47.
- Costa, João (2004). *Subject positions and interfaces. The case of European Portuguese*. Mouton de Gruyter, Berlin.
- Friedmann, Naama (1994). *Morphology in Agrammatism: A Dissociation between Tense and Agreement*. M.A. thesis. Tel Aviv University.
- Friedmann, N. e Y. Grodzinsky (1997). Tense and Agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree. *Brian and Language* 56; pp. 397-425.
- Gonçalves, Fernanda (2001). Comparing acquisition processes in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In Costa, J. e M. J. Freitas (orgs.) *Proceedings of GALA 2001*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 201-214.
- Gonçalves, Fernanda (2004). *Riqueza morfológica e aquisição da sintaxe*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Évora.
- Guasti, Maria Teresa (2002). *Language Acquisition. The growth of grammar*. MIT Press, Cambridge, Mass.
- Guasti, Maria Teresa e Luigi Rizzi (1996). Null Aux and the acquisition of residual V2, in: *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Language Development*; 20.1, Andy Stringfellow et-al (ed.) Cascadilla Press, pp. 284-295.
- Hagiwara, H. (1995). The breakdown of functional categories and the economy of derivation. *Brain and Language*, 50: pp. 92-116.
- Halle, Morris e Alec Marantz (1993). Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20*. Cambridge, Mass.: MIT Press, pp. 111-176.
- Hoekstra, Teun e Nina Hyams (1998). Aspects of Root Infinitives, *Lingua* 106.
- Loureiro, João (2006). Aquisição de ordem de palavras e de flexão verbal no português europeu: produção vs. compreensão. *Textos seleccionados do XXI Encontro da APL*, Lisboa: Colibri.

- Miceli, G., Silveri, M., Romani, C., e Caramazza, A. (1989). Variation in the pattern of omissions and substitutions of grammatical morphemes in the spontaneous speech of so-called agrammatic patients. *Brain and Language* 36: pp. 447-492.
- Nespoulous, J.-L., M. Dordain, C. Perron, G. Jarema & M. Chazal (1990) Agrammatism in French: Two Case Studies. In Menn, L. & L.K. Obler (eds.) *Agrammatic Aphasia: A Cross-Language Source Book*, pp. 623-716. Philadelphia: John Benjamins.
- Pollock, Jean-Yves (1989). Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: pp. 365-424.
- Radford, Andrew (1994) The syntax of questions in child English. *Journal of Child Language* 21, pp. 211-236.
- Rizzi, Luigi (1990). *Relativized Minimality*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Roberts, Ian (1993). *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Roo, Esterella de (1995). Articles and verb inflection in Dutch agrammatism. Poster apresentado à RuG SAN-VKL conference on aphasiology, Groningen.
- Santelmann, Lynn (1997) Wh-question formation in early Swedish: an argument for continuity, CP and operators. in Yamakoshi, Someshakar, Blume & Foley, eds. *Cornell Working Papers in Linguistics*.
- Santos, Ana Lúcia (2006) *Minimal answers*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Soares, Carla (1998) *As categorias funcionais no processo de aquisição do português europeu: estudo longitudinal da produção espontânea de uma criança de 1;2.0 aos 2;2.17 anos*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Vikner, Sten (1997). V-to-I movement and inflection for person in all tenses. In L. Haegeman (ed.) *The New Comparative Syntax*. Longman.
- Zwart, Jan Wouter (1993). *Dutch Syntax. A minimalist approach*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Groningen.